

**LICENCIATURA EM PEDAGOGIA NA MODALIDADE A DISTÂNCIA
CAMPUS AVANÇADO DE HIDROLÂNDIA - GO**

O HÁBITO DA LEITURA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Evanice Ferreira de Carvalho¹

Prof^a. Ma. Luciane Nunes Ribeiro²

RESUMO: Este artigo é sobre a importância da leitura para o desenvolvimento da visão crítica e a prática da escrita em alunos nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Esta produção teve como objetivo verificar como acontece o processo de aquisição da leitura nas séries iniciais e o que a escola tem feito para que esta aquisição aconteça com qualidade. E, especificamente, analisar quais os motivos que levam as crianças a não desenvolver a leitura e a sua compreensão; e, compreender como os educadores lidam com os alunos que têm dificuldades no processo de aquisição da leitura. Pretende-se, por meio deste trabalho, enriquecer os conhecimentos, podendo servir como fonte de pesquisa para profissionais envolvidos com a educação, com perspectivas de ampliar o domínio da leitura. Dessa maneira, concluiu-se que, para escrever bem, é preciso ter lido, ou seja, uma pessoa somente conseguirá produzir textos se for detentora de um repertório vocabular. Para alcançar essa condição, é essencial ter o hábito da leitura, o que vem justificar o tema. E a leitura deve iniciar, com maior ênfase, nos anos iniciais do Ensino Fundamental. A escrita é uma consequência do ato de ler, reforçada pelo exercício da prática. A coleta de dados ou informações foi realizada por meio de pesquisa bibliográfica, com análise de colocações de autores sobre a leitura nos anos iniciais do Ensino Fundamental e como formar o leitor crítico. Metodologicamente, adotou-se a pesquisa bibliográfica e foi realizada a leitura crítica, a redação de resumos e paráfrases pertinentes ao enfrentamento do tema e a comprovação das hipóteses.

PALAVRAS-CHAVE: Escrita Prática. Leitura. Politização. Repertório vocabular. Visão crítica.

ABSTRACT

This article is about the importance of reading for the development of critical vision and the practice of writing in students in the early years of Elementary School. This production aimed to verify how the reading acquisition process happens in the initial series and what the school has done to make this acquisition happen with quality. And, specifically, to analyze the reasons that lead children not to develop reading and comprehension; and, understand how educators deal with students who have difficulties in the reading acquisition process. It is intended, through this work, to enrich knowledge, being able to serve as a source of research for professionals involved with education, with perspectives of expanding the domain of reading. In this way, it was concluded that, in order to write well, it is necessary to have read, that is, a person will only be able to produce texts if they have a vocabulary repertoire. To achieve this condition, it is essential to have the habit of reading, which justifies the theme. And reading should begin, with greater emphasis, in the early years of elementary school. Writing is a consequence of the act of reading, reinforced by the exercise of practice. The collection of data or information was carried out through bibliographic research, with analysis of authors' statements about reading in the early years of Elementary School and how to train the critical

1 Acadêmica do 6º período do curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto Federal Goiano – Campus Avançado de Hidrolândia - GO. E-mail: evaniceferreira102@gmail.com.

2 Professora Efetiva da Faculdade Senac Goiás. Tutora/Orientadora pela Capes do Curso de Licenciatura em Pedagogia – Modalidade a Distância do IF Goiano. Licenciada em Matemática pela UFG e Mestra em Educação em Ciências e Matemática pelo PPGE/CM/UFG. E-mail: luciane.nunes.ribeiro@gmail.com.

reader. abstracts and paraphrases relevant to the confrontation of the theme and the confirmation of the hypotheses were carried out.

1 INTRODUÇÃO

Para escrever bem, é preciso ter lido, ou seja, uma pessoa somente conseguirá produzir textos se for detentora de um repertório vocabular. Para alcançar essa condição, é necessário ter o hábito da leitura, o que vem justificar o tema. E a leitura deve iniciar, com maior ênfase, nos anos iniciais do Ensino Fundamental. A escrita é uma consequência do ato de ler, reforçada pelo exercício da prática.

Esta produção aprofundou também na questão dos meios para promover uma escola com qualidade, de maneira que se privilegie esta prioridade, o letramento. Tais meios estão relacionados aos programas e projetos disponíveis na educação nacional, por exemplo: Projeto Político-Pedagógico (PPP), o Programa de Desenvolvimento da Escola (PDE) e a Lei de Diretrizes da Educação (LDB).

A finalidade maior é poder promover o letramento dos alunos que estão iniciando os estudos, de modo que esta clientela já inicie esse processo com desenvolvimento da visão crítica, simultaneamente, também, da prática da escrita e, progressivamente, do domínio desta modalidade. Para tanto, foram consultados autores renomados da literatura existente sobre leitura e escrita, e estratégias de desenvolvimento e aquisição destas duas ferramentas intrínsecas ao crescimento intelectual.

Para este trabalho, o referencial bibliográfico foi organizado em itens, cujos dados foram obtidos por meio da pesquisa bibliográfica, tendo sido feito um histórico da leitura infantil, com destaque à origem; quando e como se começa a ler; e, quando e como se amplia a noção da leitura. E ainda, enfatizou as práticas essenciais que concorrem para o letramento e a aquisição da leitura.

Pretende-se, mediante este trabalho, enriquecer os conhecimentos, podendo servir como fonte de pesquisa para profissionais envolvidos com a educação, com perspectivas de ampliar o domínio da leitura.

O objetivo deste estudo é verificar como acontece o processo de aquisição da leitura nos anos iniciais do Ensino Fundamental e o que a escola tem feito para que esta aquisição aconteça com qualidade. Os objetivos específicos consistem em:

analisar quais os motivos que levam as crianças a não desenvolver a leitura e a sua percepção; e, compreender como os educadores lidam com os alunos que têm dificuldades no processo de aquisição da leitura.

Quanto ao problema que norteia este estudo, buscou-se responder a seguinte questão: a leitura e a prática da leitura concorrem para desenvolver a visão crítica dos alunos nos anos iniciais do Ensino Fundamental?

Desenvolver este tema justifica-se por se tratar de um assunto de extrema significância para a educação, por ser algo que se encontra intimamente ligado ao êxito das pessoas no convívio social.

Espera-se que este estudo contribua para esclarecer e incentivar a prática da leitura entre as crianças, como também conscientizar professores a se comprometerem com afinco nesse processo de ensino e aprendizagem.

2 METODOLOGIA

A coleta de dados ou informações foi realizada por meio de pesquisa bibliográfica, com análise de colocações de autores sobre a leitura nos anos iniciais do Ensino Fundamental e como formar o leitor crítico.

Neste trabalho, no formato de revisão bibliográfica, foram utilizados como descritores: leitura, escrita, prática, visão crítica, repertório vocabular, politização. Possui ainda uma abordagem de pesquisa qualitativa, sendo definida como uma ferramenta que “[...] fornece análise mais detalhada sobre investigações, hábitos, atitudes e tendências de comportamentos” (MARCONI; LAKATOS, 2017, p. 269).

Como delimitação de área de estudo, foi filtrada a pesquisa em livros ou sites que abordassem o tema nos últimos 10 anos e foram coletados dados principalmente em: artigos científicos, sites acadêmicos como: *Google* acadêmico, *SciELO*, *PubMed*, *Anais da Educação* ou em periódicos (portal da capes). Lembre-se que esse critério de inclusão de dados relacionados aos últimos anos (exceção de algumas obras que não apresentam novas edições) ocorreu devido a esse período ter demonstrado uma maior evidência do assunto.

Metodologicamente, adotou-se a pesquisa bibliográfica e foi realizada a leitura crítica, a redação de resumos e paráfrases pertinentes ao enfrentamento do tema e a comprovação das hipóteses. Além da leitura de livros pertinentes ao objeto

de pesquisa, foram consultados documentos disponíveis online, devidamente referenciados. De acordo com Gil (2002), por pesquisa bibliográfica entende-se a leitura, a análise e a interpretação de material impresso. Entre eles podemos citar livros, documentos mimeografados ou fotocopiados, periódicos, imagens, manuscritos, mapas, entre outros.

3 LEITURA INFANTIL E PRÁTICA DA ESCRITA

Ler é um exercício que promove o desenvolvimento do conhecimento, mas, para isso, é preciso empregar um ritmo de leitura, o que é viável, pois quanto mais se lê maior é o repertório vocabular e léxico. Assim, ampliam-se os saberes, o que concorre sobremaneira para realizar as inferências em textos futuros, além de dotar o indivíduo de conhecimentos prévios.

Será apresentado nos seguintes subtópicos: a relevância do letramento e sua origem; e, quando e como se começa a ler desde cedo, desenvolvendo a noção de leitura através de práticas direcionadas para o letramento e tornando-se letrado na educação brasileira.

3.1 Leitura e escrita: origem

Conforme as pesquisas desenvolvidas a respeito do letramento, há mais de duas décadas, com o passar do tempo, o ensino da leitura e escrita tem ampliado na escolarização, ou seja, o processo passou a ser mais dominado no início do século XX.

Na visão de Moratti (2006, p. 1),

Em nosso país, a história da alfabetização tem sua face mais visível na história dos métodos de alfabetização, em torno dos quais, especialmente desde o final do século XIX, vêm-se gerando tensas disputas relacionadas com “antigas” e “novas” explicações para um mesmo problema: a dificuldade de nossas crianças em aprender a ler e a escrever, especialmente na escola pública.

De acordo com a autora, em meados do século XIX, as Aulas Régias ainda continuavam na educação brasileira, com estrutura inapropriada para abrigar os alunos, material impróprio para a criança e os professores, de maneira que o

investimento financeiro da época não era suficiente, o que levou à escassez da educação.

Nesse sentido, enfrenta-se essa dificuldade de auxiliar as crianças que entravam no mundo público, devido essas disputas em torno dos métodos de alfabetização, em que surgem dificuldades dos alunos em aprender a ler. São vários fatores que, muitas das vezes, trouxeram uma escassez na vida do indivíduo, principalmente nas escolas públicas.

Percebe-se que o homem sempre sentiu necessidade de se comunicar com seus semelhantes e de registrar o que via e percebia do mundo. Conforme Fernandes (2005, p. 37), “Na Pré-História, houve tentativas humanas de transmitir mensagens por meio de sinais e imagens, mas isso ainda estava longe da criação da escrita”.

A autora pontua:

O alfabeto latino teve sua origem a partir de um sistema modificado pelos gregos por volta de 3000 a.C., mas é na religião que encontramos o mais forte impulso para o registro escrito, principalmente na Literatura, através dos livros sagrados da Bíblia, textos de origem hebraica, datados aproximadamente de 2000 a.C. Com o passar dos tempos e de acordo com a necessidade e a evolução de cada povo, vários outros registros começam a surgir: as formas geométricas dos Arianos (1750 d.C.); o conjunto de leis penais de Hamurábi – o Código de Hamurábi; que é o mais antigo conjunto de leis penais da História (na Macedônia) e finalmente, a contribuição dos chineses com a rica literatura e filosofia religiosa. Não se pode deixar de citar a grande contribuição do povo grego, destacando o grande poeta Homero, criador da belíssima narração da Guerra de Tróia, conflito ocorrido por volta de 1240 a.C. “A fusão desses exemplos e de muitos outros, vindos posteriormente que originaram os atuais códigos linguísticos”. (2005, p. 38)

Foi somente após a elaboração de um conjunto organizado de signos (símbolos) que surgiu propriamente a escrita, tornando mais fácil a expressão dos pensamentos. Esse processo foi longo e gradual de tal maneira que a história da escrita se funda à história da própria humanidade.

As civilizações que habitavam a região onde hoje encontramos o Oriente Médio criaram por volta de 4.000 a.C., os primeiros alfabetos, pictogramas (desenhos simplificados que refletiam seus hábitos e culturas). Na antiga civilização dos sumérios, surge a escrita cuneiforme (diz-se da escrita dos antigos povos da Mesopotâmia). Outra grande civilização que fez uso da escrita pictográfica era a dos egípcios. Vale ressaltar que cada civilização desenvolvia tipos diferentes de ideogramas figurativos (sinais de notação das escritas analíticas, como por exemplo, hieróglifo), ou seja, embora todos utilizassem desenhos para a formação do alfabeto, cada povo

possuía o seu conjunto de símbolos de acordo com a realidade de cada civilização (FERNANDES, 2005, p. 38).

Outros autores da literatura existente também dão o seu testemunho sobre o tema:

[...] desde a pré-histórica cidade de Ur, o controle social, o governo e a administração estiveram associados à escrita. A associação era tão forte que a organização da cidade se apoiava na escrita, dando lugar a uma organização diferente das sociedades sem escrita (TEBEROSKY; TOLCHINSKY, 2003, p. 21).

Conforme as colocações, a escrita surge em função da comunicação e do registro de atividades políticas, burocráticas, econômicas e culturais. As sociedades que primeiro adotaram a escrita saíram na frente das sem escrita. Portanto, leitura e escrita foi e, pode-se dizer que, é um instrumento de desenvolvimento do homem.

Observou-se que, obrigatoriamente, a leitura e escrita se complementam; quando se fala de uma, necessariamente, se faz referência à outra. Uma depende da outra e conferindo sentido.

3.2 Quando e como se começa a ler

Martins em sua obra “O que é leitura”, mostra que desde bem cedo se aprende a ler. Esse processo de leitura ocorre quando se faz a leitura de tudo que está à volta. De posse dessa leitura, fica mais fácil e, posteriormente, dotado dos recursos certos, o leitor constrói sua leitura gráfica. (1994, p. 11)

A autora enfatiza que, para o leitor se desenvolver, deverá ter condições internas e subjetivas, como também, externas e objetivas, caso contrário a leitura não fluirá com o êxito que deveria sê-lo. Deverá ter claro em sua mente que a leitura feita vai lhe trazer algum benefício, somando às suas vivências anteriores. Martins (1994, p. 23) adita:

Ler significa você ler com seus próprios olhos, não deixar que os outros o façam por você. Ler vai além do contexto escolar, com esses aprendizados suas vivências devem ser valorizadas. Nesse processo o educando é um ser ativo, pelo fato de suas experiências pessoais estarem sendo analisadas junto com a leitura desenvolvida.

A mesma pesquisadora sinaliza que, para haver uma compreensão da leitura correta, é indispensável decodificar os signos linguísticos e ter entendimento do que se lê. Não basta apenas compreender os signos linguísticos, é preciso assimilar a leitura que é feita. Para ela, esses dois critérios básicos são inseparáveis para a construção ideal de leitura.

O sistema de escrita funciona segundo um princípio alfabético: a quantidade de letras de uma palavra corresponde, grosso modo, ao número de sons que compõem a palavra.

As crianças vão aprender a reconhecer as palavras através de leituras e do conhecimento prático da fonologia. Se for colocado para as crianças aprenderem a conhecer as letras e seus sons de maneira isolada, fica sem sentido para eles, dificultando, desse modo, a compreensão. Se as crianças tiverem a oportunidade de observar a apresentação de uma letra qualquer em várias palavras enquanto se faz uma leitura, com certeza, ela compreenderá que uma letra pode ter sons variados de acordo com sua posição nas palavras. As crianças procuram as relações entre as palavras não somente entre letras e sons, e por bons motivos (SMITH, 1999, p. 65).

Desse modo, ante um conhecimento complexo, a tendência é esmiuçar, porque se parte da suposição que a fragmentação facilita a compreensão. Mas, ao dividir em fragmentos, há uma desconexão da rede de problemática que lhes dão sentido completo, pois o sujeito que aprende não se depara com a realidade analisando um pedaço de cada vez, e sim, esquemas cognitivos que lhes permitem observar, tratando de encontrar e dar um sentido ao que está fazendo.

Freire em sua obra “A importância do ato de ler”, ressalta que a leitura começa com realidades vivenciadas pelo próprio educando, para posteriormente se lançar em busca de novos saberes. O autor mostra em seus escritos que a leitura de mundo e de palavras envolve e faz compreender o texto e o contexto do mundo ao qual se encontra inserido (2001, p. 8).

A leitura de mundo está presente na vida desde a infância até os dias atuais. Em suas abordagens, Freire evidencia ainda que para leitura, o escrever é o alfabetizar acontecer e, antes de tudo, o educando precisa compreender o contexto do mundo ao qual ele está inserido. Se assim não for, fica algo mecânico, de modo que não existirá a relação dinâmica entre linguagem e realidade (2001).

“De alguma maneira, porém podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de

escrevê-lo ou reescrevê-lo, quer dizer, de transformá-lo através da nossa prática consciente” (Freire, 2001, p. 20).

Smith na obra “Leitura significativa”, aborda que, para a criança aprender a ler, o processo deve acontecer de maneira agradável e acessível à realidade cotidiana dos alunos, caso contrário os educandos não sentirão interesse em adquirir esse conhecimento. Assim, percebe-se que, para haver aprendizagem da linguagem escrita e da fala, é preciso que tenha significado por parte das crianças, pois, se assim não for, não despertará nos alunos o gosto pela leitura (1999, p. 87).

O autor frisa também que para as crianças aprenderem a ler não utilizarão nenhuma atividade que elas ainda não tenham exercitado para entender a linguagem falada ou visual, que é praticada em casa pelas pessoas que as cercam. Pode-se notar ainda que as crianças aprendem a ler fazendo comparações a partir de situações que elas já tenham vivenciado em outros momentos.

Desse modo, as associações de ideais serão introjetadas de acordo com suas necessidades de apreensão. “Finalmente, todo esse processo continua automaticamente, instintivamente, abaixo do nível de consciência. Nós nunca temos consciência das hipóteses que testamos” (SMITH, 1999, p. 85).

No livro “Literatura infantil: gostosuras e bobices”, Abramovich (1997) traz a reflexão sobre a importância de possibilitar às crianças a viajarem no mundo literário. Em seus escritos, a autora procura trabalhar os aspectos culturais, cognitivos e afetivos. Para execução dessa tarefa, deve-se escolher boas obras e preparar bem o espaço onde ocorrerá o trabalho. Para a pesquisadora, ricas gravuras sem textos são excelentes leituras infantis, pois permitem ao leitor fazer suas inferências (tirar conclusão, raciocinar, deduzir), desenvolvendo, assim, sua própria história.

Quando indicada uma boa obra, têm-se a garantia da qualidade da leitura e riqueza no aprendizado com a mesma. Essa leitura pode acontecer onde o leitor achar ideal ou adequado. O resultado final é que o prazer ocorrerá, mas dependerá do envolvimento do leitor com o texto. Para haver prazer, deve-se compreender o que está sendo lido e viajar na história; fazer parte dos acontecimentos que é narrado ou fazer associações do que se lê com as vivências ou reformular conceito sobre um determinado assunto.

A intensidade desse prazer dependerá do envolvimento do leitor com o texto. A socialização dessas leituras deve ocorrer de maneira espontânea, desenvolvendo o lado crítico e qualitativo da criança ou do adulto.

Ler é viajar para entender o mundo através dos olhos dos autores e personagens. Para a mesma, esse jogo de percepção se faz necessário na vida dos indivíduos que estão sempre em busca de novos saberes. Ler foi sempre maravilha, gostosura, necessidade primeira e básica, prazer insubstituível (ABRAMOVICH, 1997, p. 14).

Sempre que se desenvolve o hábito de contar histórias às crianças ou fazer com que elas leiam histórias, provoca-se nelas o hábito de ler. Leitura essa que transporta seu leitor a outros lugares, a ter uma visão diferenciada sobre um determinado assunto.

A partir das perspectivas acima mencionadas, desenvolve-se nas crianças o gosto pela leitura, fazendo com que elas leiam mais e leituras de vários gêneros. Dessa maneira, amplia-se o repertório vocabulário, opinativo e crítico das várias situações que vividas cotidianamente. “Pois é preciso saber se gostou ou não do que foi contado, se concordou ou não como o que foi contado” (ABRAMOVICH, 1997, p. 143).

Após análises, percebe-se que vários fatores contribuem para crianças ou adultos iniciarem a ler. Foi visto até aqui que a leitura inicia muito cedo, ainda bebê, com materiais resistentes, que possibilitem o seu manuseio. No período da alfabetização ou mesmo depois, chega o momento de ouvir, é quando se deve ler, incentivar a esta prática, colocar a criança em contato com o mundo da imaginação, percebendo o quanto é maravilhoso. Ao desenvolver essas práticas, os professores contribuem e incentivam a pessoa a se tornar leitora.

3.3 Desenvolvimento da noção de leitura

A noção de leitura inicia-se na experiência que a criança adquire no lar, no convívio com seus pais, irmãos e demais parentes. A aprendizagem é constante e, sendo estimulada, amplia-se a noção de leitura do mundo.

É a partir da infância que se cria, recria e revivem-se os processos de aprendizagens de leitura que estão constantemente ligados com o mundo natural em que se vive, valorizando assim as crenças, valores e as culturas

daquele tempo que hoje é transcrito de forma significativa (FREIRE, 2001, p. 59).

O autor deixa claro que a leitura da palavra subentende a continuidade da leitura de mundo que mantém a relação entre a linguagem e a realidade. Expõe também que, para aprender a ler, é preciso praticar bastante para se ler melhor e com mais fluência, pois, de posse da leitura e da escrita, as pessoas têm condições de discutir assuntos variados, que permeiam a sociedade a qual elas estão inseridas. “Se é praticando que se aprende a trabalhar. É praticando também que se aprende a ler e a escrever. Vamos praticar para aprender e, aprender para praticar melhor” (FREIRE, 2001, p. 47).

Smith aborda que, para a aquisição da leitura, não existe um processo específico pronto e acabado, porque, na maioria das vezes, as formas com que as crianças adquirem o hábito da leitura surgem através de adaptações que ocorrem na própria sala de aula entre professor e aluno, ou mesmo, em casa, entre mãe e filho (1999).

O autor acrescenta: “E dessas dezenas de milhares de estudos podemos tirar somente uma conclusão básica e incontestável, todos os métodos de leitura parecem ter algum sucesso, com algumas crianças algumas vezes” (1999, p. 11).

Com base na compreensão de Smith (1999), o entendimento é que os olhos também têm poder importante na apropriação da leitura. Muitas vezes, os alunos são impedidos de ler devido à informação não visual (dificuldade que os discentes têm em compreender um texto). Já as informações visuais são as imagens captadas pelos olhos. Nesse sentido, percebe-se que quanto mais informação não visual tiver quando ler, menos informação visual você precisará. Smith (1999, p. 20) salienta:

Uma vez que o aluno já tenha introjetado várias informações do assunto que está sendo abordado, não precisará de muita informação visual. O que será necessário é esse aluno estar sempre reformulando seus conhecimentos com a obtenção de novas informações sobre vários assuntos. A informação visual desaparece quando as luzes se apagam, a informação não visual já está em sua mente atrás dos olhos.

Enfatiza ainda que, para a leitura fluir de forma proveitosa, todas as partes do cérebro deverão estar interligadas umas com as outras, para que, dessa forma, a atividade da leitura aconteça com êxito. Os itens pontuados anteriormente somando aos mecanismos da memória, da atenção, de relações interpessoais e

socioculturais, também influenciam bastante para o acontecer da aquisição dessa habilidade, uma vez que, “[...] muitas áreas do cérebro entram em atividade quando lemos, algumas podem até ser essenciais, mas nenhuma delas está totalmente envolvida na leitura excluindo qualquer outra atividade” (SMITH, 1999, p. 9).

A criança faz leitura a todo o momento no meio social em que está inserida. Exercita-se o hábito da leitura e escrita ou não quando vê uma propaganda, o rótulo de um refrigerante ou qualquer outro produto, ao assistir televisão. Enfim, existe uma infinidade de meios pelos quais se pode ampliar a habilidade de leitura das crianças.

O autor mostra que existem livros que não precisam ser lidos na íntegra como: uma lista telefônica, um cardápio, etc., Tudo vai depender da informação que o leitor procura alcançar, mas quando se tem familiaridade com o tipo de texto lido, ter-se-á mais facilidade na sua compreensão.

Smith (1999, p. 105) critica a sistematização escolar pelo fato de que,

[...] na maioria das vezes, as instituições limitam a ensinar as crianças a lerem utilizando práticas que são mais voltadas para leitura de obras literárias, como poesia, contos, etc. Nessa condição de processo os alunos vão aprender “adquirir o gosto pela leitura” basicamente por meio desse recurso, o que não deveria acontecer pelo fato de se ter inúmeras outras maneiras de apropriar-se dessa habilidade que se permeia constantemente no cotidiano social e escolar dos alunos. Por outro lado, qualquer coisa que possamos descobrir em comum com as diversas situações de leitura irá dar-nos uma pista para identificar aspectos básicos dessa leitura.

Sobre a escolha e indicação de textos para estimular e assimilar conteúdos através da leitura, Abramovich (1997) afirma que os textos, quando bem escolhidos, podem formar, informar ou deformar o pensamento do leitor crítico. Cabe ao professor auxiliar ao fazer uma reflexão sobre o texto e seus personagens. A formação do leitor crítico se dá pelo exercício da criatividade, tanto no mundo real como no da fantasia.

A autora chama a atenção para os contos de fadas que podem ser tradicionais ou atuais, mas auxiliam na elaboração dos sentimentos, na expressão vocabular, no autoconhecimento e na forma de resolver problemas cotidianos.

Sobre a escrita, que anda junto com a leitura, é inerente à comunicação. Leem-se signos, símbolos, enfim, palavras, mensagens, parágrafos, textos, livros e jornais. Escrever tem uma finalidade importante no desenvolvimento social, político, econômico, cultural e intelectual.

Para que escrever? O propósito com o qual o homem usou as marcas gráficas foi inicialmente para registrar e comunicar. O meio de transmissão gráfica materializa a mensagem e permite ao emissor conectar-se com o receptor a distâncias (TEBEROSKY; TOLCHINSKY, 2003, p. 21).

Escrever aproxima as pessoas por ser um meio de transmissão. A escrita ganha importância na medida em que gera informação, conhecimento e socialização.

3.4 Práticas direcionadas para o letramento e tornando-se letrado

O objetivo deste estudo é mostrar à sociedade brasileira um conjunto de habilidades e práticas que juntas relacionam leitura, escrita, matemática e outras disciplinas. É o resultado dessa junção que promove o letramento.

Tfouni (2002, p. 31) defende: “É um processo cuja natureza é sócio-histórica. Pretende-se com essa colocação, opor-me a outras concepções de letramento atualmente em uso, que não são nem processuais, nem históricas, ou então adotam uma posição ‘raça’ quanto à sua opção processual e histórica”.

Os princípios norteadores contribuem para subsidiar as políticas educacionais e culturais, abordando com mais clareza e detalhes a questão da apropriação da leitura, da escrita, da matemática e outras disciplinas, no que se refere à organização curricular brasileira.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN's (BRASIL, 2001, p. 55) preveem que “O conhecimento atualmente disponível a respeito do processo de leitura indica que não se deve ensinar a ler por meio de práticas centradas na decodificação”. Após a esta afirmação, enfatiza-se que, para organizar-se um espaço social composto por pessoas críticas, reflexivas, deve-se sempre oferecer oportunidades variadas de aprenderem a ler usando materiais.

O referido documento (BRASIL, 2001, p. 56) apregoa que, “Para aprender a ler, é preciso que o aluno se defronte com os escritos que utilizaria se soubesse mesmo ler”. Partindo dessa premissa, analisa-se que o aluno deve estar sempre em contato com materiais escritos que desenvolvam neles a vontade de ler e escrever, utilizando posturas semelhantes aos itens observados nos materiais escritos.

Ressalta-se ainda que, para aprender a ler e se tornar letrado, é essencial interagir constantemente com a diversidade de textos escritos. Indica-se nessa

etapa de formação a presença marcante e assídua do professor, que deverá organizar o espaço de maneira a favorecer que os alunos tenham materiais diversos que incentivem a leitura.

Nesse processo, o educador organizará para beneficiar a apreensão da leitura e da escrita. Uma forma rica que o professor pode se valer sempre é a partir da heterogeneidade da sala, fazer com que os alunos expressem o que ficou da leitura feita. Sempre que necessário, os professores deverão executar com elegância e postura a leitura de textos variados, para dessa maneira, contagiar seus alunos para que leiam sempre.

“Ler é resposta a um objetivo, a uma necessidade pessoal” (BRASIL, 2001, p. 57). Sempre que é praticado o ato da leitura, o aluno deve ter claro um objetivo e uma meta a alcançar. Nessa leitura, o aluno faz associações constantes do que ele sabe e do que ele ainda não sabe. Nesse momento, o professor deve intervir e não generalizar como resposta certa uma única alternativa pelo fato de que existem contextos variados compondo a sala.

De acordo com os PCN's

Não existe critério melhor ou pior de organização de grupos para uma atividade. É necessário que o professor decida a forma de organização social em cada tipo de atividade, em cada momento do processo de ensino e aprendizagem, em função daqueles alunos específicos. Agrupamentos adequados, que levem em conta a diversidade dos alunos, tornam-se eficazes na individualização do ensino (BRASIL, 1997, p. 64).

Em outras palavras, o professor deve ter conhecimentos em ambas as partes sobre a língua portuguesa, pois esse processo exige do educador competência e técnicas pedagógicas, que auxiliam a criança na leitura. Mas, há também a organização dos materiais, que abre um caminho que colabora no processo da aprendizagem do indivíduo.

No processo de aprendizagem humana, a interação social e a mediação do outro são de grande importância, porém, na escola, pode-se dizer que a relação professor e aluno é imprescindível para que ocorra com sucesso o processo ensino-aprendizagem. Por esse motivo, justifica-se a existência de tantos trabalhos e pesquisas na área da educação dentro dessa temática, os quais ajudam a destacar a interação social e o papel do professor como um mediador, como requisitos básicos para qualquer prática educativa.

Outro documento relevante relativo à Educação Infantil é a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), aprovada em 2017, que orienta toda a estrutura educacional (pública e privada) a seguir um único currículo para a Educação Infantil. Para tanto, a educação passa a ser direcionada por campos de experiências (o eu, o outro e o nós; corpo, gestos e movimentos; traços, sons, cores e formas; oralidade e escrita; espaços, tempos, quantidades, relações e transformações) para que a aprendizagem aconteça (BRASIL, 2017).

Observa-se que o currículo proposto pela BNCC está centrado na criança e os campos de experiência dão ênfase na interação social, pois “é na interação com os pares e com os adultos que as crianças vão constituindo um modo próprio de agir, sentir e pensar e vão descobrindo que existem outros modos de vida, pessoas diferentes, com outros pontos de vista” (BRASIL, 2017, p. 36).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE). Este documento normativo aplica-se exclusivamente à educação escolar, [...] e está orientado pelos princípios éticos, políticos e estéticos que visam à formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva, como fundamentado nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (BRASIL, 2017, p. 7).

Por ser um documento orgânico e progressivo, a BNCC objetivou atender todas as modalidades de ensino em conformidade e igualdade; e, oferecer oportunidade de inserção de atividades pedagógicas no processo ensino-aprendizagem de forma justa e democrática quanto aos fundamentos do sistema educativo.

É perceptível no decorrer das análises que formar leitores é algo que requer condições variadas que propiciem à leitura. Nessa etapa de consolidação, as práticas pedagógicas, as condições vivenciadas em casa, os materiais utilizados e a metodologia usada pelos educadores são primordiais e essenciais para formar pessoas críticas, reflexivas e fazedoras de letramento.

Para atingir essa condição, deve-se organizar visitas dos alunos constantemente a uma biblioteca; materiais diversificados, que despertem o gosto pela leitura; momentos exclusivos para os alunos façam suas leituras e, também,

explicação oral das mesmas. Desse modo, garante-se tranquilidade aos alunos quando estiverem fazendo uso da leitura e permite-se que os educandos façam suas escolhas quanto ao tipo de leitura que desejam ler.

Segundo Martins (1994, p. 88), para tornar-se leitor com espírito crítico reflexivo e fazedor de letramento, é necessário “ler todos os textos que estão aí ao nosso redor, expresso em mil linguagens, a inteira disposição”. Por meio das ideias da autora, percebe-se que, para formar leitores competentes, é imprescindível o local em que vivem os leitores. Devem-se fazer leituras de tudo que está à sua volta.

A dinâmica teorizada por Martins (1994, p. 36), “configura que os três níveis básicos de leitura, os quais são possíveis de visualizar, são: os níveis sensoriais, emocionais e a razão”. Ela conclui que seria impossível ler um texto ou qualquer objeto sem desenvolver os sentidos ao analisar o tipo de fonte, o cheiro do livro ou do objeto, a estética da obra observada ou mesmo a espessura do livro.

Quanto às emoções, sempre que se lê deve-se envolver com a leitura feita. Se não ocorrer esse contágio, a leitura foi exercitada sem o envolvimento das emoções. Já a razão está definida de forma marcante quando se faz associações do que é lido com o que se vive no cotidiano.

Assim sendo, verifica-se que não é possível formar leitores competentes sem fazer uso constante dos três níveis enfatizados anteriormente. Se essa articulação não acontecer quando as leituras e escritas acontecerem torna-se algo mecânico, sem interesse, cansativo e sem significância para os educandos.

Ao analisar os escritos de Smith (1999, p. 113), sintetiza-se que “Aprender a ler é uma atividade que dá prazer. O que estimula as crianças a ler, com isso a aprender a ler, não é alguma promessa de satisfação no futuro, ou uma recompensa”. Nesse sentido, constata-se que a leitura é algo que deve propiciar às crianças envolvimento, contentamento, interesse, enfim, prazer.

Nota-se que não é necessário para as crianças aprender a ler em busca de algo que venha lhe trazer alguma recompensa. Os educandos aprendem a ler pelo fato de querer ler. É algo mágico que acontece na vida de cada pessoa alfabetizada, algum tipo de porta de entrada pela qual passam todas as pessoas que queiram realmente tornarem-se leitores competentes e fazedores de pessoas letradas.

Abramovich (1997, p. 16) atesta que “para a formação de qualquer criança, ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ver um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e

compreensão do mundo [...]”. A partir disso, percebe-se que o hábito da leitura para a formação de leitores inicia-se muito cedo, pois, desde quando bem pequeninas, as crianças ouvem seus pais narrarem histórias em que elas são sempre personagens pertencentes à história.

A explanação feita pela autora traz a importância de oportunizar às crianças o contato com o mundo letrado desde bem cedo, pois, quando estiverem grandes, permanecerão no mesmo caminho, com metas e observações através da leitura, que lhes propiciarão ter experiências variadas, as quais comporão seu mundo letrado.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As pessoas se tornam letradas a partir de suas vivências, ou seja, os conhecimentos vão sendo elaborados cotidianamente. Sendo assim, adquirido e aprimorado com a apropriação da leitura e da escrita, volta-se então aquele ciclo em que os indivíduos que não se apropriam das habilidades da leitura e escrita sejam considerados iletrados pelo fator essencial de suas vivências ter poder considerável. Sempre que esse indivíduo se apropriar delas pode tomar decisões, criticar ou apontar suas conclusões em relação a determinado assunto.

É imperativo que se esta pessoa desenvolver o hábito de ler e escrever tornar-se-á mais rica e ampliada em suas ações e reações, pois, se assim o for, ela, portadora de vasto repertório vocabulário, conhecedora de vários assuntos que lhes oportunizaram melhor, fará as inferências necessárias nas várias situações vivenciadas.

Um dos objetivos do ensino de línguas na Escola, atualmente, é tornar o aluno participante dos processos de interlocução e protagonista na recepção e na produção de textos, adequados a cada situação social. Constitui-se talvez essa última e mais complexa tarefa dos professores: propiciar ao aluno condições de se apropriar do conhecimento, usá-lo de forma crítica e se integrar ao mundo como autônomo, segundo escolhas pessoais capazes de gerar significados, em todos os campos da vida social e cultural (PAULIUKONIS; SANTOS, 2006, p. 7).

A partir das perspectivas mencionadas, considera-se que o letramento é o desenvolvimento da leitura, da escrita em conjunto com as vivências desempenhadas no meio social. As pessoas têm um papel marcante a ser

desempenhado na sociedade, independente de grau e nível de escolaridade em virtude das experiências, das habilidades e das ações importantes desenvolvidas por essas pessoas no espaço social.

As autoras acrescentam:

[...] a leitura como atividade pedagógica requer do professor uma experiência como leitor capaz de permitir uma orientação segura a seus alunos, para que se tornem também eles leitores menos ingênuos, frente à construção textual. [...] Os textos que nos rodeiam (jornalísticos ou não) têm uma função importantíssima na construção de nosso senso-crítico, se formos alertados para as estratégias de sua produção e para as estratégias de recepção (2006, p. 153).

A intervenção dos professores, no que tange ao sentido do texto, auxilia os alunos na interpretação e, por sua vez, na compreensão exata do conteúdo. O importante é impedir a alienação, ler e ter um entendimento fora da realidade. É preciso desenvolver uma visão crítica, saber os interesses envolvidos na dinâmica social e tirar as próprias conclusões.

Assim sendo, da mesma forma que a leitura forma sujeitos politizados, principalmente, se tiver a intervenção do professor (também politizado), contribui também para a produção de textos.

A referência à produção de textos implica focalizar a leitura e a escrita como processos interativos centrados no significado. Este enfoque atual modifica a ideia tradicional que considerava separadamente a leitura como um processo de decodificação e a escrita como um processo de codificação. Ao relacioná-las em torno da meta de construir significado, ambas se realimentam estreitamente: a leitura de diferentes gêneros literários estimula a necessidade de criá-los, e a escrita estimula a necessidade de lê-los (de escritor para escritor, de poeta para poeta) (ALLIENDE; CONDEMARIN, 2005, p. 15-16).

Nota-se na colocação a relação da leitura com a escrita. O estímulo à leitura por parte da escola é fundamental para formar bons leitores e produtores de textos. É um processo longo, mas que tem suas vantagens. Considerando-se que a invenção da escrita alfabética foi o resultado de um processo histórico, que envolveu a humanidade por muito tempo, conclui-se que é difícil para a criança perceber com rapidez a natureza da escrita.

Para Assunção e Coelho (2008, p. 75), “A criança aprende naturalmente a falar a linguagem do grupo em que vive (linguagem regional ou dialeto). À escola

cabe desenvolver a linguagem oral que o aluno traz, através da atividade pedagógica, que deve garantir a aprendizagem da leitura e da escrita”.

A politização da sociedade começa no momento em que os educadores iniciam as crianças ao processo de aquisição da leitura e, num segundo momento, com a prática de escrita, conseqüentemente, produtores de textos.

Compreende-se a importância da leitura para o desenvolvimento da prática da escrita e promoção da visão crítica neste artigo e percebe-se seu valor significativo, pois, através da leitura, o aluno desenvolve seu potencial intelectual e crítico, o que contribui também para o desenvolvimento da imaginação, da escrita e da reflexão crítica. Enfim, ampliam-se as condições essenciais dos educandos na apreensão dos conteúdos no processo ensino-aprendizagem.

Para que essa construção de conhecimentos obtenha resultados positivos, o professor deve utilizar mecanismos que venham incentivar o gosto pela leitura no decorrer da execução dessa tarefa. Dentre as inúmeras formas de incentivar uma criança a ler, enfatiza-se: dramatizar histórias; propiciar às crianças cantinhos de leitura; desenvolver o hábito de leituras compartilhadas; apresentar textos interessantes que despertem nos leitores motivações para elaborarem novos textos a partir dos apreciados anteriormente (nessa perspectiva, destaca-se como eixo importante fazer leituras de obras literárias frequentemente).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após verificação de que existem vários fatores que contribuem para o alcance da habilidade da leitura, percebe-se que, para vencer ou minimizar essas possíveis dificuldades de ler compreendendo o que se lê no convívio pessoal e escolar, os educandos devem fazer leituras constantemente para ampliar seu repertório vocabular, de modo a propiciar a utilização dessa aquisição em outras situações para a compreensão de outros assuntos.

O objetivo deste estudo foi atendido, pois buscou-se verificar como acontece o processo de aquisição da leitura nos anos iniciais do Ensino Fundamental, como também identificar os esforços da escola para que esta aquisição aconteça com qualidade. E ainda, os motivos que levam as crianças a não desenvolver a leitura e

a sua compreensão são inúmeros, desde a falta de oportunidade e o fato de os pais em casa não realizarem o incentivo.

A escola cria cantos de leitura para sanar essa deficiência. E, por fim, os educadores lidam com os alunos que têm dificuldades no processo de aquisição da leitura, apresentando estratégias para a prática, por exemplo, a disponibilização de feiras de livros, revistas ou gibis. Assim, os objetivos deste artigo foram cumpridos.

Com relação ao problema que direciona este estudo, pretendeu-se identificar que a leitura e a prática da escrita concorrem para desenvolver a visão crítica dos alunos nos anos iniciais do Ensino Fundamental, desde que eles sejam instigados para tomarem esta ação. Isso procede, pois as escolas têm procurado oferecer as condições necessárias para que eles atinjam este fim.

A partir do instante que o educando lê e entende o que está lê, ele tem condições de envolver-se e ampliar seus conhecimentos para em situações futuras transformar essa leitura primordial, de acordo com a realidade vivenciada. O êxito nesse período de formação depende de um professor ou pessoa preparada, que seja crítica, dinâmica e use metodologias variadas (significativas), para assim despertar o gosto e o hábito da leitura em suas crianças.

E, após o desenvolvimento desta pesquisa, pode-se afirmar, a título de antecipação que, para se tornar leitor competente, há algumas condições básicas que se fazem necessárias, como: oportunizar às crianças o acesso à leitura, um aprendizado a ser iniciado já em seu lar; narrar histórias interessantes para que elas desenvolvam seu potencial imaginário, perceptivo e cognitivo.

O local onde essa leitura ou narração vai acontecer dependerá do desejo de cada leitor. O ideal é que esse momento propicie às crianças prazer, bem-estar, satisfação e, o mais importante, será a compreensão da história ou do texto lido.

Exercendo o hábito de ler, os alunos terão possibilidades de fazer associações das leituras que fazem, desenvolvendo de maneira significativa a visão crítica e reflexiva dos vários assuntos que permeiam o contexto social ao qual eles se encontram inseridos.

Portanto, o letramento tem sua relevância na vida do indivíduo e o professor como mediador e o ambiente alfabetizador abrem um leque sobre o processo de alfabetização, tanto na sala de aula quanto na sociedade em que o indivíduo e seus familiares habitam, mas o letramento é muito relevante para uma sociedade letrada.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 5. ed. São Paulo: Scipione, 1997.
- ALLIENDE, Felipe; CONDEMARIN, Mabel. **A leitura: teoria, avaliação e desenvolvimento**. 8. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- ASSUNÇÃO, José; COELHO, Maria Elisabete. **Problemas de aprendizagem**. São Paulo: Ática, 2008.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua portuguesa/Ministério da Educação**. Secretaria da Educação Fundamental. 3. ed. Brasília: Secretaria, 2001.
- FERNANDES, Maria. **Coleção ativa – língua portuguesa – alfabetização**. São Paulo: Escala Educacional, 2005.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. 42. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- MARCONI, Marina; LAKATOS, Eva. **Metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2017.
- MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 16. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- MORTATTI, M. R. L. **História dos métodos de alfabetização no Brasil**. Seminário Alfabetização e Letramento em debate. Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental da Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação, Brasília, 27 abr. 2006. Disponível em: <https://fbnovas.edu.br/site/wpcontent/uploads/2019/02/Brasil.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2022.
- PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino; SANTOS, Leonor Werneck dos. **Estratégias de leitura: texto e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.
- SMITH, Frank. **Leitura significativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.
- TEBEROSKY, Ana; TOLCHINSKY, Liliana. **Além da alfabetização: a aprendizagem fonológica, ortográfica, textual e matemática**. São Paulo: Ática, 2003.
- TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e alfabetização**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2002.